

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI



**Boletim nº 47
2009**



Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895. Com a idade de 13 anos passou a ser educado pela Sociedade Teosófica, que o considerava um dos grandes Mestres do mundo. Krishnamurti em breve viria a emergir como um Mestre extraordinário e inteiramente descomprometido, tendo abandonado aquela organização em 1929. As suas palestras e escritos não se ligam a nenhuma religião específica nem pertencem ao Oriente ou ao Ocidente, mas sim ao mundo na sua globalidade:

“Afirmo que a Verdade é uma terra sem caminho. O homem não pode atingi-la por intermédio de nenhuma organização, de nenhum credo (...) Tem de encontrá-la através do espelho do relacionamento, através da compreensão dos conteúdos da sua própria mente, através da observação. (...)”

Durante o resto da sua existência, foi rejeitando insistentemente o estatuto de guia espiritual que alguns tentaram atribuir-lhe. Continuou a atrair grandes audiências por todo o mundo, mas recusando qualquer

autoridade, não aceitando discípulos e falando sempre como se fosse de pessoa a pessoa. O cerne do seu ensinamento consiste na afirmação de que a necessária e urgente mudança fundamental da sociedade só pode acontecer através da transformação da consciência individual. A necessidade do autoconhecimento e da compreensão das influências restritivas e separativas das religiões organizadas, dos nacionalismos e de outros condicionamentos, foram por ele constantemente realçadas. K. chamou sempre a atenção para a necessidade urgente de um aprofundamento da consciência, para esse *“vasto espaço que existe no cérebro onde há inimaginável energia”*. Essa energia parece ter sido a origem da sua própria criatividade e também a chave para o seu impacto catalítico numa tão grande e variada quantidade de pessoas.

A Educação foi sempre uma das preocupações de Krishnamurti. Fundou várias Escolas em diferentes partes do mundo onde crianças, jovens e adultos podem aprender juntos a viver um quotidiano de compreensão da sua relação com o mundo e com os outros seres humanos, de descondicionamento e de florescimento interior.

Durante a sua vida, K. viajou por todo o mundo falando às pessoas, tendo falecido em 1986, com a idade de 90 anos. As suas palestras e diálogos, diários e outros escritos estão reunidos em mais de 60 livros.

Amigos de K., reconhecendo a importância dos seus ensinamentos, estabeleceram *Fundações* na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina e na Índia, assim como *Centros de Informação* em muitos países do mundo, onde se podem colher informações sobre Krishnamurti e a sua obra. As *Fundações* têm carácter exclusivamente administrativo e destinam-se não só a difundir a obra de K. mas também a ajudar a financiar as escolas experimentais por ele fundadas.

INFORMAÇÕES

MUDANÇAS NO NÚCLEO

Após vinte e cinco anos de existência, o Núcleo Cultural Krishnamurti vai mudar de lugar e de responsáveis. O último dos três fundadores, em face da realidade que vinha caracterizando o funcionamento do NCK, principalmente depois da morte de Maria Beatriz Branco ocorrida há três anos, sentiu que era chegada a altura de se criarem condições para o surgimento de um novo percurso. Assim, foi lançado o desafio a dois amigos que fazem parte da lista de colaboradores, que conhecíamos há já alguns anos, e que nos vinham mostrando uma atitude séria e consciente na sua relação com os ensinamentos de Krishnamurti, (chegaram mesmo a criar o primeiro Centro de Informação K. em Portugal). E foi com alegria e humildade que aceitaram a especial missão de levar por diante o projecto de ajudar a espalhar a palavra de K. em Portugal, agora a partir do norte. São eles:

Ivone Apolinário e João Quintas

Rua Cândido Oliveira, 75, 4º Dto., Trás

4715-012 BRAGA

Telefs. 965477360; 969734650

Correio electrónico: ivoneapolinario@gmail.com

Até informação em contrário, mantêm-se o endereço electrónico do Núcleo (nucleok@sapo.pt) e o sítio na Internet (www.kfoundation.org/portugal).

A partir de Janeiro de 2010 todo o material (impresso e audiovisual) e equipamento constantes do Centro de Documentação serão transferidos para a nova sede de Braga, onde estarão à disposição de todos os interessados segundo regras a determinar pelos novos responsáveis.

Estamos certos que todos os que nos têm acompanhado, colaborando das mais diversas formas durante o período eborense do Núcleo, continuarão a dedicar a esta causa transformadora e à nova equipa de responsáveis todo o seu encorajamento, apoio e generosidade.

Assim, este será o último Boletim a ser emitido de Évora. Com alguma saudade e enternecimento lembramos a aventura que foi fundar em Portugal o NCK, ainda Krishnamurti era vivo, e é com um indizível contentamento que agora entregamos este “filho” a dois jovens, na certeza que lhe vão assegurar mais alguns anos de existência, até que a Vida queira.

E como memória muito terna dos primeiros passos que demos na difusão da palavra de K neste país, decidimos integrar nesta publicação uma cópia *fac-simile* do primeiro Boletim, que foi distribuído no Outono de 1984, e elaborado segundo técnicas que hoje podemos considerar artesanais mas que, na altura, tinham como simples e único propósito servir de veículo a ensinamentos oferecidos à humanidade por um ser humano muito especial chamado J. Krishnamurti; ensinamentos que, por serem intemporais, se vêm tornando cada vez mais preciosos e urgentes na transformação dos tempos que correm.

Um eterno agradecimento a todos. Até sempre.

Joaquim Palma

REEDIÇÕES

A editora Livros Horizonte descatalogou há algum tempo os livros “Cartas às Escolas” e “O Mundo Somos Nós”, razão por que é impossível aos leitores interessados adquirir aquelas obras no mercado português. Perante tal situação, o Núcleo tem diligenciado junto da Fundação Krishnamurti, detentora dos direitos de autor, e de uma editora portuguesa, a hipótese de reedição daqueles livros, havendo neste momento fortes possibilidades de um desfecho positivo a breve prazo.

A ESSÊNCIA

Tendo o texto “A Essência do Ensino de K.” saído com gralhas tipográficas no anterior Boletim, voltamos a apresentá-lo, agora com as devidas correções e em folha solta.

A EDUCAÇÃO E O SIGNIFICADO DA VIDA

Quando viajamos pelo mundo verificamos como é espantoso o grau de semelhança da natureza humana, seja na Índia, na América, na Europa ou na Austrália. E isto é especialmente verdade no que toca às universidades. Estamos a fabricar, como através de um molde, uma espécie de ser humano cujo principal interesse é encontrar segurança, é tornar-se alguém importante, ou ter uma existência com o mínimo de pensamento possível.

A educação convencional faz com o pensamento independente seja extremamente difícil. A conformidade conduz à mediocridade. Ser-se diferente do grupo ou resistir ao que está à volta não é fácil e é, muitas vezes, arriscado se se venera o sucesso. A ânsia de vir a ter sucesso, que é a busca de recompensa, seja no mundo material ou na chamada esfera espiritual, a procura de segurança interior ou exterior, o desejo de conforto – todo este processo asfixia o descontentamento, põe um fim à espontaneidade e alimenta o medo; e o medo bloqueia a compreensão inteligente da vida. Com o avançar da idade, instala-se a apatia da mente e do coração.

Buscando conforto na vida, geralmente acabamos por encontrar um recanto sossegado onde haja pouco conflito, e de cujo isolamento temos receio de sair. Este medo da vida, este medo de agir e passar por uma nova experiência, mata em nós o espírito de aventura; toda a nossa infância e educação tornaram-nos receosos de ser diferentes do nosso vizinho, com medo de pensar o contrário daquilo que é o padrão estabelecido pela sociedade, num falso respeito à autoridade e à tradição.

Felizmente, existem alguns poucos seres que se interessam seriamente, que desejam examinar os problemas humanos sem o preconceito de se ser da esquerda ou da direita; mas na maioria de nós não há verdadeiro espírito de descontentamento, de revolta. Quando nos entregamos ao que nos rodeia, sem compreensão, qualquer espírito de revolta que possamos ter tido cai por terra, e as nossas obrigações depressa acabam com ele.

Há dois tipos de revolta: há a revolta violenta, que é uma simples reacção, onde não há compreensão, contra a ordem existente; e há a revolta psicológica, profunda, da inteligência. Há muita gente que se revolta contra as ortodoxias estabelecidas apenas para vir a cair em novas ortodoxias, em outras ilusões e em obscuros apetites pessoais. O que geralmente acontece é que nos desligamos de determinado grupo ou conjunto de ideais para nos juntarmos em seguida a outro grupo, para assumirmos outros ideais, criando, assim, um novo padrão de pensamento contra o qual nos vamos revoltar de novo. A reacção apenas gera oposição, e a reforma sempre pede nova reforma.

Mas existe uma revolta inteligente que não é reacção e que acontece com o autoconhecimento através da observação atenta do nosso próprio pensamento e sentir. Só quando enfrentamos a experiência logo que ela surge, não evitando a perturbação que ela traz, é que mantemos a inteligência altamente desperta; e a inteligência altamente desperta é intuição, que é o verdadeiro guia na vida.

Qual é, pois, o significado da vida? Vivemos e lutamos para quê? Se formos educados somente para atingir uma distinção, para conseguir um emprego melhor, para sermos mais capazes, para termos um maior poder sobre os outros, então as nossas vidas serão mediócras e vazias. Se formos educados apenas para virmos a ser cientistas, a ser académicos presos aos livros, ou especialistas viciados nos conhecimentos, então estaremos contribuindo para a destruição e infelicidade do mundo.

Existindo, contudo, um mais alto e mais vasto significado para a vida, que valor terá a nossa educação se nunca chegarmos a descobrir esse significado? Podemos ser muito cultos academicamente, mas se não integramos profundamente o pensamento e o sentir, as nossas vidas são incompletas, contraditórias e atormentadas por muitos medos; enquanto a educação não cultivar uma perspectiva integrada da vida, ela terá muito pouco significado.

Na presente civilização dividimos a vida em tantos compartimentos, que a educação faz pouco sentido, apenas servindo para aprender uma determinada técnica ou profissão. Em vez de despertar a inteligência integral do indivíduo, a educação encoraja-o a conformar-se a um padrão, impedindo, assim, que esse indivíduo se compreenda a si mesmo como um processo global. Tentar resolver os muitos problemas da existência nos seus respectivos níveis, separados como estão em várias categorias, denota uma completa falta de compreensão.

O indivíduo é constituído por diferentes entidades, mas dar mais importância às diferenças e encorajar o desenvolvimento de um determinado tipo conduz a consequências complexas e a contradições. A educação deveria produzir a integração dessas entidades separadas – porque, sem integração, a existência torna-se uma série de conflitos e de sofrimentos. Que sentido há em estudar para se ser advogado, se perpetuamos os litígios? Que valor têm os conhecimentos, se continuamos mergulhados na nossa confusão? Que significado tem a capacidade técnica e industrial, se a usamos para nos destruímos uns aos outros? Qual é o sentido da nossa existência, se ele conduz à violência e à maior desgraça? Apesar de termos dinheiro ou de poder ganhá-lo, apesar de termos os nossos prazeres e as nossas religiões organizadas, vivemos num conflito sem fim.

Temos de distinguir entre o que é pessoal e o que é individual. O pessoal é o accidental; e por accidental refiro-me às circunstâncias do nascimento, ao ambiente em que fomos criados, com nacionalismo, superstições, diferença de classes e com preconceitos. O pessoal ou accidental é só momentâneo, ainda que esse momento possa durar uma vida inteira; e como a educação actual se baseia no pessoal, no accidental, no imediato, ela conduz à perversão do pensamento e à implantação de medos autodefensivos.

Todos nós fomos treinados pela educação e pelo meio envolvente para procurar ganhos pessoais e segurança, e a lutar pelos nossos interesses. Embora dissimulemos isso com frases agradáveis, fomos educados dentro de um sistema que se funda na exploração e no medo ganancioso. Um tal treino acarreta, inevitavelmente, confusão e sofrimento para nós e para o mundo, já que ele gera em cada indivíduo barreiras psicológicas que o separam e o mantêm isolado dos outros.

A educação não é uma simples questão de treino da mente. Esse treino pode levar à eficiência, mas ele não gera plenitude. Uma mente que tenha simplesmente sido exercitada passa a ser uma continuação do passado, e essa mente nunca descobrirá o que é novo. É por isso que, para descobrirmos o que é a educação correcta, temos de investigar a totalidade do significado do viver.

Para a maioria dos seres humanos, o significado da vida como um todo não é de prioritária importância, e a educação actual valoriza mais os valores secundários, apenas nos preparando para determinado ramo do conhecimento. Embora o saber e a eficiência sejam necessários, dar-lhes uma importância excessiva leva ao conflito e à confusão.

Há uma eficiência inspirada pelo amor, que vai mais além e é muito mais vasta do que a eficiência da ambição; e, sem amor, que produz uma compreensão integrada da vida, a eficiência resulta em crueldade. Não será isto o que está realmente a acontecer por todo o mundo? A actual educação está alinhada com a industrialização e a guerra, sendo o seu principal objectivo o de desenvolver a eficiência; e nós somos apanhados nessa máquina de impiedosa competição e destruição mútua. Se a educação leva à guerra, se ensina a destruir ou a ser destruído, não terá ela falhado redondamente?

Para construirmos uma educação correcta, é óbvio que temos de compreender o significado da vida como um todo, e para que isso aconteça temos de ser capazes de pensar, não de um modo rígido, mas sim directa e verdadeiramente. Aquele que pensa rigidamente não tem pensamento próprio, porque se conforma a um padrão; ele repete frases e pensa dentro de determinados moldes. Não podemos compreender abstractamente

ou teoricamente a existência. Compreender a vida é compreendermo-nos a nós mesmos; e isso é, ao mesmo tempo, o princípio e o fim da educação.

A educação não significa a mera aquisição de conhecimentos, juntando e correlacionando factos; é ver o significado da vida como um todo. Mas o todo não pode ser abordado através do fragmento – como pretendem fazer os governos, as religiões organizadas e os partidos autoritários.

A função da educação é criar seres humanos integrados e, portanto, inteligentes. Podemos ter diplomas e ser mecanicamente eficientes sem sermos inteligentes. A inteligência não é informação; ela não deriva dos livros, nem consiste em astutas e defensivas reacções nem em agressivas afirmações. Alguém que não tenha estudado pode ser mais inteligente do que aquele estudou. Passamos por exames e dividimos em graus os critérios da inteligência, desenvolvemos mentes astutas que evitam os assuntos humanos vitais. A inteligência é a capacidade para perceber o essencial, *o que é*; e acordar esta capacidade, em nós e nos outros, é o papel da educação.

A educação deve ajudar-nos a descobrir os valores eternos, para que não nos apeguemos a fórmulas ou à repetição de *slogans*; devia ajudar-nos a deitar por terra as nossas barreiras nacionais e sociais, em vez de as realçar, pois elas alimentam o antagonismo entre um homem e outro homem. Infelizmente, o actual sistema de educação faz-nos subservientes, autómatos e profundamente insensatos; embora ele nos desperte intelectualmente, interiormente deixa-nos incompletos, inúteis e não-criativos.

Sem uma integrada compreensão da vida, os nossos problemas individuais e colectivos apenas se agravarão ainda mais. O propósito da educação não é produzir meros académicos, técnicos e caçadores de empregos, mas sim homens e mulheres integrados que estejam libertos do medo; apenas entre esses seres humanos pode haver paz duradoura.

É na compreensão de nós mesmos que o medo cessa. Se o indivíduo quer agarrar a vida a todo o instante, se ele vai enfrentar a sua complexidade, as suas desgraças e repentinas exigências, ele tem de ser infinitamente maleável e, assim, ficar liberto de teorias e de padrões pessoais de pensamento.

A educação não deve encorajar o indivíduo a conformar-se com a sociedade ou a ser negativamente harmonioso com ela, mas sim ajudá-lo a encontrar os verdadeiros valores que surgem com a investigação não preconceituosa e com o autoconhecimento. Quando não há autoconhecimento, aquilo que se faz torna-se egocêntrico, com todos os seus agressivos e ambiciosos conflitos. A educação deverá acordar a capacidade para o autoconhecimento e não apenas em estimular a gratificação dada pela expressão individual.

O que pode existir de bom no aprender se, no processo de viver, nos destruimos uns aos outros? Dado que temos tido uma série de guerras devastadoras, uma após outra, é óbvio que há algo de radicalmente errado no modo como estamos a educar as nossas crianças. Penso que a maioria de nós está consciente disto, mas não sabemos como havemos de lidar com o problema.

Os sistemas, educativos ou políticos, misteriosamente não têm mudado; eles só são transformados quando há uma mudança fundamental em nós próprios. O indivíduo é de importância prioritária, e não o sistema; e enquanto o indivíduo não compreender o processo global de si mesmo, nenhum sistema, seja de esquerda ou de direita, poderá criar ordem e paz no mundo.

in *EDUCATION AND THE SIGNIFICANCE OF LIFE*

BOLETIM NO. 1

*NÚCLEO CULTURAL
KRISHNAMURTI*

outono 84



"...Falamos da vida — e não de ideias, de teorias, de práticas ou de técnicas. Falamos para que olhe esta vida total, que é também a sua vida, para que lhe dê atenção. Isso significa que não pode desperdiçá-la. Tem pouquíssimo tempo para viver, talvez dez, talvez cinquenta anos. Não perca esse tempo. Olhe a sua vida, dê tudo para a compreender."

(J. KRISHNAMURTI)

NOTÍCIAS DO NÚCLEO

*Centro de Documentação - dispõe de livros, áudio-cassettes e textos. Prevê-se para breve a compra de um equipamento vídeo.

Para qualquer informação sobre este Centro, entrar em contacto pelos telefones 28582 e 23308 de Évora (das 20 às 21h).

* <u>Donativos</u> - G. G.	5000\$00
D. O.	1000\$00
M. F.	5000\$00
B.	1000\$00
C. F.	4000\$00

Gratos a todos.

*Livros publicados e a publicar-encontra-se publicada a antologia A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM de Krishnamurti, (distribuição Publicações Europa-América). Encontra-se já no editor a tradução da obra YOU ARE THE WORLD, prevendo-se para breve, também, a publicação de LETTERS TO THE SCHOOLS, ambos de Krishnamurti.

*Livros para venda - O Núcleo tem para venda os seguintes livros:

edições inglesas-THE NETWORK OF THOUGHT
-QUESTIONS AND ANSWERS

edições brasileiras-A LIBERTAÇÃO DOS CONDI-
MENTOS

-ENSINAR E APRENDER
-A ESSÊNCIA DA MATURIDADE
-O VOO DA ÁGUIA
-ONDE ESTA A BEM-AVENTURANÇA?

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI
AV. LEONOR FERNANDES, 36
7000 ÉVORA

RESPOSTA DE KRISHNAMURTI
A UMA PERGUNTA

PERGUNTA: Constatamos que vivemos sob o medo da guerra, de perder o emprego (se é que o temos), medo do terrorismo, da violência provocada pelas nossas crianças, medo de ficar à mercê de políticos incapazes. De que maneira temos nós que enfrentar o viver tal como ele se nos apresenta hoje em dia?

KRISHNAMURTI: Como vamos nós enfrentá-lo? Há que admitir que este mundo se está tornando cada vez mais violento — isso é óbvio. As ameaças de guerra são também muito evidentes — África do Sul, Médio Oriente, e também existe esse estranho fenómeno que é o das nossas crianças também se estarem tornando violentas. Vem-nos à memória uma mãe que nos visitou, há já algum tempo, na Índia. Na tradição indiana, as mães sempre foram vistas com grande respeito, e essa mãe estava horrorizada porque, segundo dizia, os seus filhos tinham-lhe batido — uma coisa impensável, na Índia. Este tipo de violência tem alastrado por todo o mundo. Existe também o receio de se perder o emprego, como foi dito pelo senhor que fez a pergunta. Olhando e percebendo tudo isso, como é que nós nos vamos encontrar com a vida que nos rodeia?

Eu não sei. Apenas sei como fazê-lo no que diz respeito à minha pessoa; para outra pessoa, não sei dizer-lhe o que deve fazer. Primeiro que tudo, o que é a vida? O que é isso a que chamamos existência, tão cheia de dor, com excesso de população, governada por políticos desequilibrados, mais toda a maldade, desonestidade e suborno imperando por todo o lado? Como vamos nós abordar tudo isso? Sem dúvida que a primeira coisa que temos a fazer é procurar saber o que é que significa viver neste mundo. Tentar saber o que é o nosso dia-a-dia, mas conhecê-lo de facto — e não teórica, filosófica ou idealisticamente. Se nós o examinarmos e estivermos seriamente conscientes dele, verificamos que se resume a constantes lutas, a esforços e mais esforços. Até o levantar-se de manhã é um esforço. Assim, que teremos nós que fazer? Possivelmente não podemos fugir de tudo isso. Sabemos de pessoas que afirmavam que este mundo se tinha tornado impossível para nele se

viver, e que se refugiaram nas montanhas do Himalaia, tendo desaparecido para sempre. Um acto destes representa um evitar e um escape em relação à realidade, o que acontece também quando mergulhamos nalguma comunidade sectária ou nos juntamos a qualquer próspero guru. Claro que essas pessoas não resolvem os problemas do seu dia-a-dia, nem põem a questão da mudança nem da revolução psicológica da sociedade. Todos eles fogem disso. Mas se nós não fugimos e vivermos realmente no meio das coisas tal qual elas são, como é que devemos agir? Seremos capazes de mudar o nosso estar nesta vida? Deveríamos ser capazes de banir por completo o conflito das nossas vidas — porque o conflito faz parte da violência. Será isso possível? A luta constante por querermos sempre diferentes daquilo que realmente somos, e que é de natureza egocêntrica, tem sido a base das nossas existências. Seremos capazes, como seres humanos que somos e vivendo neste mundo, de nos transformarmos? E esta é realmente a questão — uma transformação radical, psicológica, não temporária nem permitindo a intromissão do tempo. Para o homem que é realmente sério e religioso, não há o amanhã. Uma afirmação desta natureza não é fácil: não há nenhum amanhã, apenas há a riquíssima presença do agora. Seremos capazes de viver de uma maneira total e assumida, e de transformarmos a natureza do nosso relacionamento com os outros? E isto é que interessa, e não o que é que é o mundo e para que é que serve. Reparem nisto, por favor: o mundo é cada um de nós, e cada um de nós é o mundo. Isto é um facto claro e tremendo, um desafio com o qual temos que ter um grande encontro; quer dizer, temos que realizar que nós somos o mundo, que contribuimos para tudo o que ele é, e que só nós somos os responsáveis por todo esse estado de coisas, por tudo o que está a acontecer no Médio Oriente, em África, e por toda a demência que se vê à nossa volta — nós somos responsáveis por tudo isso. Claro que não podemos ser responsáveis pelas acções dos nossos antepassados — escravidão, milhares de guerras, impérios e suas brutalidades, embora façamos parte dessa herança. Se não nos sentirmos inteiramente responsáveis por nós próprios, por aquilo que fazemos, por aquilo que pensamos, pelo nosso comportamento, então não há saída, perante um mundo que conhecemos bem e sabendo que individualmente não podemos acabar com o problema do terrorismo. Fazer com que os cida-

dãos estejam em segurança, protegidos, diz respeito aos governos, mas constatamos que eles não se preocupam com isso. Se cada governo estivesse realmente interessado em proteger as pessoas do seu país, nunca haveria guerras. Mas, aparentemente, os governos perderam, também eles a sanidade, porque apenas estão interessados nos seus partidos, no poder, na posição social e no prestígio, em todo esse jogo — tão bem conhecido de todos vós.

Portanto, não permitindo a presença do tempo — o amanhã, o futuro — seremos nós capazes de viver de tal maneira que o hoje é que é o mais importante de tudo? Isto quer dizer que cada um tem que se tornar extraordinariamente vigilante em relação às suas reacções e à sua confusão — e trabalhar, sobre si mesmo, com todas as suas energias. Esta é a única coisa que aparentemente podemos fazer. E se assim não procedermos, não vai haver futuro para o homem. Não sei se têm lido alguns títulos dos jornais. Todos se estão preparando para a guerra. Quando alguém se prepara para algo, vai conseguir os resultados que espera — como o cozinhar uma boa refeição. O comum das pessoas aparentemente parece não se importar com o estado das coisas. Aqueles que intelectual e cientificamente estão envolvidos na produção de armamentos, também não se preocupam. Apenas estão interessados nas suas carreiras, nos seus empregos, nas suas pesquisas, e aqueles que, como nós formam a chamada classe média, também não se preocupam, então, é porque já fomos vencidos. A tragédia é que todos nós parecemos estar descansados sobre o que se está a passar. Não nos juntamos, não pensamos em conjunto, não construímos juntos. Em vez disso, aliamos-nos a organizações, na esperança de que elas irão impedir o morticínio das guerras. Nunca elas fizeram isso. Instituições e organizações nunca conseguiram atingir esse objectivo. Em tudo isto estão envolvidos o coração e o pensamento do ser humano condicionado. Não estamos a falar retoricamente; estamos todos enfrentando algo muito perigoso. Temos encontrado gente do poder e que está ligada a estes problemas, e eles não estão nada preocupados. Mas se cada um de nós se importar e o nosso quotidiano for vivido correctamente, e estivermos conscientes do que estamos a fazer, então, penso que haverá alguma esperança para o futuro.

BROCKWOOD PARK, 3.9.81

in Bulletin 46, Krishnamurti Foundation

PEDIDOS DE LIVROS

- Edições inglesas: Krishnamurti Foundation,
24 Southend Road, Beckenham,
Kent BR3 1SD - England
- Edições francesas: Association Culturelle
Krishnamurti, 73 Rue Fondary,
75 015 Paris, France.
- Edições brasileiras: Instituição Cultural
Krishnamurti, Av. Presidente Vargas,
418, Sala 1 109, Caixa Postal 1827
—ZC—00, Rio de Janeiro, Brasil.
- Edições espanholas: Krishnamurti Información,
Calle Canuda 45-47 Barcelona 2,
Espanha.

No próximo número incluiremos uma lista completa de livros de Krishnamurti.

Este Boletim é distribuído gratuitamente.
Dadas as dificuldades com que se depara o nosso
Fundo de Publicações, todos os eventuais donativos
serão bem-vindos.
Agradecemos a divulgação deste Boletim.

PRÓXIMO NÚMERO: A sair no Inverno.

"SEPARAMOS A VIDA DA MORTE E, ASSIM, AMBAS PERMA-
NECEM DESCONHECIDAS."

(KRISHNAMURTI)

BREVE BIOGRAFIA DE J. KRISHNAMURTI

Krishnamurti, nascido na Índia em 1895, é considerado internacionalmente como um dos mais originais pensadores dos nossos tempos. Há mais de sessenta anos que viaja pelo mundo, dando conferências para audiências cada vez maiores. Tem publicados mais de trinta livros e fundou centros educacionais em Inglaterra, Estados Unidos e Índia.

Krishnamurti mostra que só através de uma completa mudança no coração e na mente de cada ser humano será possível uma transformação radical na sociedade, porque esta é o resultado das relações entre os homens.

PRÓXIMAS CONFERENCIAS DE KRISHNAMURTI

Índia: Madras: 29 e 30 de Dez., 5 e 6 de Janeiro 85
Bombaim: 2, 3, 9 e 10 de Fevereiro 85.

U.S.A.: Washington, no Centro John Kennedy-20 e 21
de Abril 85.

"ESTAR EM COMUNHÃO É AMAR.
NÃO HAVENDO AMOR,
NÃO SE PODE APAGAR O PASSADO;
HAVENDO AMOR NÃO HÁ PASSADO.
AMAI E O TEMPO DEIXARÁ DE EXISTIR."

(KRISHNAMURTI)

ESTAR SÓ

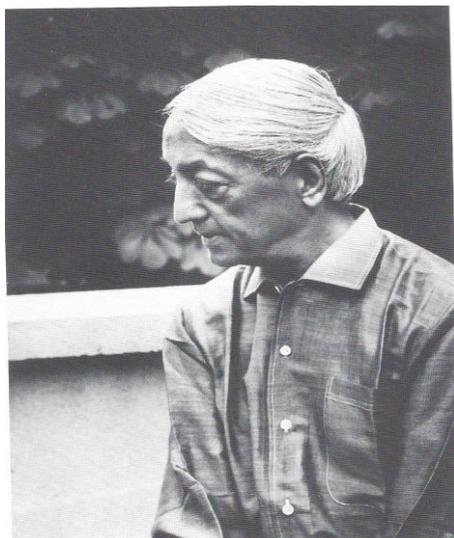
O sol já se tinha posto e as árvores desenhavam formas escuras contra o céu que ia escurecendo. O largo e poderoso rio corria tranquilo. A lua avistava-se no horizonte, subindo por entre duas grandes árvores, mas não conseguia ainda projectar sombras.

Subimos a margem alta do rio e tomámos um caminho que ladeava os verdes campos de trigo. Era um caminho muito antigo; milhares de pessoas tinham passado por ele, e era rico em tradição e silêncio. Serpenteava por entre os campos, as mangueiras, os tamarindos e os santuários desertos. Havia grandes hortas, onde as ervilhas enchiam o ar de perfume. Os pássaros abrigavam-se para passar a noite, e uma grande lagoa começava a reflectir a estrelas. A natureza, nesse anoitecer, não estava comunicativa. As árvores pareciam afastadas; tinham mergulhado em silêncio e escuridão. Alguns aldeões passavam, falando, nas suas bicicletas, e logo depois surgia um silêncio profundo e aquela paz que aparece quando todas as coisas estão sós.

Este *estar só* não é a dolorosa e temível solidão. É o *estar só* do ser, que é incorrupto, rico, completo. Aquele tamarindo não tem outra existência senão a do seu próprio ser. Assim é também este *estar só*. Estamos sós, como o fogo, como a flor, mas não conseguimos atingir a sua pureza e a sua imensidade. Só conseguimos comunicar verdadeiramente quando estamos sós.

in *COMMENTARIES ON LIVING*

A ESSÊNCIA DO ENSINAMENTO



J. KRISHNAMURTI
(1895-1986)

A pedido de Mary Lutyens, Krishnamurti escreveu, em Outubro de 1981, um texto sobre a essência do seu ensinamento. Mary Lutyens incluiu essa declaração no seu livro The Years of Fulfilment, o segundo volume da sua biografia de Krishnamurti. Ao reler o texto em 1983, Krishnamurti fez algumas alterações aqui incluídas. Esta é a declaração final e completa.

A essência do ensinamento de Krishnamurti está contida na declaração que fez em 1929 quando disse “A Verdade é uma terra sem caminhos”. O homem não chegará a ela através de organização alguma, através de qualquer crença, dogma, sacerdote ou ritual, nem através do conhecimento filosófico ou da técnica psicológica.

Ele tem de descobri-la através do espelho das relações, através da compreensão do conteúdo da sua própria mente, através da observação, e não pela análise intelectual ou dissecação introspectiva. O homem tem construído imagens em si próprio, como uma barreira de segurança – imagens religiosas, políticas, pessoais.

Estas imagens manifestam-se como símbolos, ideias, crenças. O fardo dessas imagens domina o pensamento do homem, as suas relações e a sua vida diária. Tais imagens são a causa dos nossos problemas, pois elas dividem os homens. A sua percepção da vida é formada pelos conceitos já estabelecidos na sua mente. O conteúdo da sua consciência é a sua completa existência. Este conteúdo é comum a toda humanidade.

A individualidade é o nome, é a forma e a cultura superficial que o homem recolhe da tradição e do ambiente. A singularidade do homem não se encontra no superficial, mas sim na completa libertação em relação ao conteúdo da sua consciência, que é comum a toda a humanidade. Assim, ele não é um indivíduo.

A liberdade não é uma reacção; a liberdade não é escolha. É pretensão do homem pensar que, por poder escolher, é livre. Liberdade é observação pura sem direcção, sem medo de castigo

ou recompensa. A liberdade não tem motivo; a liberdade não se acha no fim da evolução do homem, mas sim no primeiro passo da sua existência. Na observação começamos a descobrir a falta de liberdade. A liberdade reside na percepção, sem escolha, da nossa existência e actividade quotidianas.

O pensamento é tempo. O pensamento nasce da experiência e do conhecimento, que são inseparáveis do tempo e do passado. O tempo é o inimigo psicológico do homem. A nossa acção baseia-se no conhecimento, portanto, no tempo e, deste modo, o homem é sempre um escravo do passado. O pensamento é sempre limitado e, por conseguinte, vivemos em constante conflito e luta. Não existe evolução psicológica.

Quando o homem se tornar consciente do movimento dos seus próprios pensamentos verá a divisão entre o pensador e o pensamento, entre o observador e a coisa observada, entre aquele que experimenta e a experiência. Ele descobrirá que esta divisão é uma ilusão. Só então haverá observação pura que é percepção (*insight*) sem qualquer sombra do passado ou do tempo. Esta percepção intemporal (*insight*) produz uma profunda e radical mutação na mente.

A negação total é a essência do positivo. Só quando há negação de todas as coisas que o pensamento produz psicologicamente, é que existe o amor, que é compaixão e inteligência.

LIVROS DE K. TRADUZIDOS E PUBLICADOS EM
PORTUGAL

O MUNDO SOMOS NÓS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

CARTAS ÀS ESCOLAS – Editora Livros Horizonte (descatalogado)

O DESPERTAR DA SENSIBILIDADE – Editorial Estampa

O VOO DA ÁGUIA – Editorial Estampa

A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM – Edições Itau (esgotado)

MEDITAÇÕES – Editorial Presença

APRENDER A VIVER – Livros de Vida Editores

MEDITAÇÃO-A LUZ DENTRO DE NÓS – Editora Dinalivro

A VIDA – Editorial Presença

SERÁ QUE A HUMANIDADE PODE MUDAR? – Editora Dinalivro

O SENTIDO DA LIBERDADE – Editorial Presença

CARTAS A UMA JOVEM AMIGA – Editorial Presença

Contactos das Editoras:

Editora Livros Horizonte - Rua das Chagas, 17, 1º, 1200-106 LISBOA;

telef.213466917; www.livroshorizonte.pt;

livroshorizonte@mail.telepac.pt

Editorial Estampa - Rua da Escola do Exército, 9, r/c Dto., 1169-090

LISBOA; telef.213555663; www.estampa.pt; estampa@estampa.pt

Editorial Presença - Estrada das Palmeiras, 59, Queluz de Baixo, 2730-

132 BARCARENA; telef.214347000 ; www.presenca.pt;

info@presenca.pt

Livros de Vida Editores – R.. Francisco Lyon de Castro, Apartado 8,

2725-354 MEM MARTINS; www.europa-america.pt;

secretariado@europa-america.pt

Editora Dinalivro - Rua João Ortigão Ramos, 17 A, 1500-362 LISBOA;

telef. 217122210; www.dinalivro.pt; info@dinalivro.pt

Os livros poderão ser encontrados em qualquer boa livraria ou encomendados às respectivas editoras.

ESCOLAS KRISHNAMURTI

- ÍNDIA** ***RISHI VALLEY EDUCATION CENTRE***
Internato
Idades 9 a 18
- RAJGHAT EDUCATION CENTRE***
Internato
Idades 7 a 18
Escola feminina 19 a 21
- THE SCHOOL – KFI***
Escola de Dia
Idades 4 a 18
- THE VALLEY SCHOOL***
Escola de Dia e Internato
Idades 6 a 18
- BAL-ANAND***
Escola de Tempos Livres
para crianças
- SAHYADRI SCHOOL***
Internato
Idades a partir dos 9 anos
- INGLATERRA** ***BROCKWOOD PARK SCHOOL***
Internato
Idades a partir dos 14 anos
Escola de Dia a partir dos 5 anos
- E.U.A.** ***THE OAK GROVE SCHOOL***
Esc. de Dia-Idad. 3/5 a 19
Internato-Idades 10 a 19

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados.

FUNDAÇÕES KRISHNAMURTI

KRISHNAMURTI FOUNDATION TRUST

Brockwood Park, Bramdean, Hants SO24 0LQ, Reino Unido
Telef.: +44 1962 771 525, Fax: +44 1962 771 159, e-mail: kft@brockwood.org.uk
Internet: www.kfoundation.org

ÍNDIA-Krishnamurti Foundation India

E.U.A.-Krishnamurti Foundation of America

AMÉRICA LATINA-Fundación Krishnamurti Latinoamericana

CENTROS INTERNACIONAIS

ÁFRICA DO SUL	INDONÉSIA
ALEMANHA	IRLANDA DO NORTE
AUSTRÁLIA	ISLÂNDIA
ÁUSTRIA	ISRAEL
BÉLGICA	ITÁLIA
BOLÍVIA	JAPÃO
BRASIL	MALÁSIA
BULGÁRIA	MAURÍCIAS
CHINA	NEPAL
CHIPRE	NORUEGA
COLÓMBIA	NOVA ZELÂNDIA
COREIA DO SUL	POLÓNIA
DINAMARCA	PORTUGAL
EGIPTO	ROMÉNIA
EQUADOR	RÚSSIA
ESLOVÉNIA	SINGAPURA
ESPAÑA	SRI LANCA
FILIPINAS	SUÉCIA
FINLÂNDIA	SUIÇA
FRANÇA	TAILÂNDIA
GRÉCIA	TURQUIA
HOLANDA	UCRÂNIA
HONG-KONG	UGANDA
HUNGRIA	VENEZUELA
IRLANDA	VIETNAME

Os contactos serão fornecidos a pedido dos interessados.

NÚCLEO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Leonor Fernandes, 36
7000-753 ÉVORA — PORTUGAL

Internet: www.kfoundation.org/portugal
e-mail: nucleok@sapo.pt

Distribuição gratuita

gráfica eborense

NOTA IMPORTANTE

A partir de Janeiro de 2010º endereço do Núcleo passa a ser:
Rua Cândido Oliveira, 75, 4º Dto. Trás
4715-012 BRAGA